



Ecossocialismo, juventudes e agroecologia: construindo perspectivas revolucionárias para a construção do conhecimento agroecológico.
Ecossocialism, Youth, and Agroecology: Building revolutionary perspectives for the construction of agroecological knowledge

TIL, Aline Cristina Mello¹

¹ Coletivo Ecoar Juventude Ecossocialista, alinecristinamellotil@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO.

Eixo Temático: Juventudes e Agroecologia

Resumo: Este ensaio teórico explora a interseção entre ecossocialismo, juventudes e Agroecologia, com o objetivo de contribuir para as perspectivas revolucionárias na construção do conhecimento agroecológico. O texto destaca a importância da agroecologia como prática, movimento e ciência e enfatiza a necessidade da organização política e dos movimentos sociais na luta pela justiça social e ambiental. Por meio do aprendizado na práxis militante do Coletivo Ecoar Juventude Ecossocialista, da vivência de educação formal no Bacharelado em Agroecologia, e da inspiração de pensadores como Paulo Freire e Florestan Fernandes, o trabalho propõe ações de base junto aos movimentos sociais, fortalecendo a conservação da biodiversidade, a luta pela terra e a emancipação dos explorados e oprimidos. Essa reflexão teórico-prática busca evidenciar a necessidade de novos estudos que contribuam para o trabalho de base na agroecologia.

Palavras-chave: ensaio teórico, educação popular, metodologias participativas.

Introdução

Neste ensaio teórico pretendo trazer minhas contribuições para a Agroecologia, enquanto prática, movimento e ciência. Elas foram construídas a partir da minha vivência no campo e nos movimentos sociais; da experiência na educação formal no Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) Campus São Lourenço do Sul; e na práxis militante no Coletivo Ecoar Juventude Ecossocialista. Para manter coerência com a construção coletiva nos diversos espaços e os consensos alcançados, utilizarei na perspectiva coletiva (nós) em nossas ações, intercalando-a com reflexões individuais minhas como autora.

O Bacharelado em Agroecologia tem o objetivo de formar profissionais capazes de analisar, planejar, executar e monitorar agroecossistemas em toda sua dimensão social, cultural, ambiental, econômica e ética. Preparando esses profissionais para atuarem em associações, cooperativas, propriedades rurais, universidades, entre outros, órgãos governamentais ou não governamentais. Iniciei o curso em 2019 tendo a previsão de concluí-lo em 2024, nesse período pude identificar as dificuldades e limitações acerca da formação e também das possibilidades de atuação profissional.



Durante o período de isolamento devido à Pandemia de Covid-19, me dediquei ao estudo das organizações políticas, com o intuito de identificar horizontes em comum e estratégias compartilhadas. Foi nesse período que conheci a teoria e prática ecossocialista, e por priorizar essa perspectiva, me organizei no Coletivo Ecoar Juventude Ecosocialista. Escolhi esse coletivo por ser uma organização política da juventude, de orientação ecossocialista, feminista, antirracista e antiLGBTfóbica, antipunitivista e antiproibicionista, que luta pela emancipação e por um mundo sem exploração e opressão. E é a partir dessa perspectiva política que escrevo essas contribuições, que acredito serem fundamentais para a construção do conhecimento agroecológico.

Entendemos o ecossocialismo como a aliança entre os movimentos “vermelhos” e “verdes”, aliando a alternativa socialista e sua crítica marxista ao capital, juntamente com a crítica ecológica ao produtivismo. Para isso, é necessário fazer as devidas críticas às experiências socialistas que não romperam com a ideologia do progresso. E também fazer críticas aos movimentos ecológicos, de tendências ecoliberais relacionadas ao capitalismo verde. A partir desses acúmulos temos como horizonte a ideologia do decrescimento como alternativa ao progresso. Para esse horizonte se aproximar algumas condições básicas são necessárias, entre elas, a propriedade coletiva dos meios de produção, o planejamento democrático, e uma nova estrutura tecnológica das forças produtivas (LOWY, 2013).

Portanto o ecossocialismo surge como proposta de outro mundo possível, trazendo um caminho radical que ajude a frear a destruição capitalista. Nesse caminho, nós enquanto coletivo, apostamos no trabalho de base junto com movimentos sociais para resistir nessa frente de luta contra o ecocídio. A ideologia do decrescimento vai de encontro com a visão da transição agroecológica e é um terreno fértil para novas contribuições à construção do conhecimento agroecológico.

Metodologia

O ensaio teórico propõe uma abordagem reflexiva, assim como relatado por Meneghetti (2011) “no ensaio a orientação é dada não pela busca das respostas e afirmações verdadeiras, mas pelas perguntas que orientam os sujeitos para as reflexões mais profundas”.

Essa reflexão teórico-prática se dá a partir da formação militante e das ações políticas do coletivo junto aos movimentos sociais, sendo assim, alicerçada nas contribuições metodológicas de Paulo Freire

É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente (FREIRE, 2011).



A partir disso, busquei reflexões teórico-metodológicas de pensadores brasileiros que foram fundamentais para construir caminhos de (auto) emancipação e inspiraram nossa práxis militante. Trazendo assim, contribuições revolucionárias de Paulo Freire, Florestan Fernandes e Michael Lowy para a construção do conhecimento agroecológico e para refletir sobre as táticas das juventudes no movimento agroecológico.

Resultados e Discussão

Para iniciar a reflexão sobre a importância da organização política enquanto ferramenta de luta para a juventude agroecológica é fundamental distinguir a organização política dos movimentos sociais. A organização política tem uma proposta totalizante e global para a sociedade. Enquanto os movimentos sociais se unem a partir de pautas mais específicas, como as lutas sindicais, a luta por transporte, o combate às opressões. Isso não faz com que esses movimentos sejam menos importantes, são inclusive fundamentais para reprodução da luta e mobilização de atores sociais marginalizados, apenas são ferramentas distintas das quais se faz necessário pontuar suas diferenças para refletir nossa práxis militante enquanto coletivo. A partir disso entendemos que são espaços diferentes de ação política (JUVENTUDE ECOAR, 2019).

Uma organização política, por ter um projeto totalizante, pretende responder duas questões, o que fazer e como fazer. Portanto, precisam ter de forma nítida qual seu horizonte e quais suas táticas políticas, ou seja, seu caminho para alcançar esse horizonte. A partir disso, o Coletivo Ecoar tem como horizonte a (auto)emancipação dos explorados e oprimidos do capitalismo, caminhamos rumo a uma sociedade sem classes e sem opressões (JUVENTUDE ECOAR, 2019).

A partir dessas distinções, fica evidente que um mesmo movimento social pode passar pela intervenção política de diversas organizações, com objetivos e táticas distintas, e a direção desses movimentos passará pela correlação de forças de diversas organizações e seus distintos horizontes e táticas. A partir dessas definições reafirmamos que somos uma organização política, que detém um projeto político elaborado pela juventude, e que buscamos atuar junto com os movimentos sociais contribuindo para a (auto)emancipação.

Dessa forma, é fundamental pensar a política como “arte estratégica”, onde é necessário analisar a conjuntura da luta de classes, comparar com os acúmulos que temos a partir da história, atuando muitas vezes como memória histórica e articular a ação através da força coletiva que seja capaz de intervir e influenciar as lutas (JUVENTUDE ECOAR, 2019). Essa arte estratégica é essencial no movimento agroecológico para estarmos atentos à tentativa de cooptação da Agroecologia para uma versão mais palatável que contribua para a reforma do capitalismo. Nesse sentido, é necessário mais estudos que identifiquem as diferentes organizações que compõem o movimento e apontem quais seus interesses e horizontes.



Nós, militantes, somos também educadores populares. E nós do Coletivo Ecoar nos inspiramos em Fernandes (1989, p. 149) que afirma que o papel do educador é “libertar o trabalhador da opressão, da condição de oprimido, de modo que o proletário possa ter uma relação libertária, crítica e revolucionária com sua situação de existência material, social e moral.” (*apud* OKUMURA *et al*, 2019).

Esse processo de libertação do proletariado, e do campesinato, é transposto por nós no nosso lema de “conquistar corações e mentes” através do caminho que consideramos mais adequado, e urgente, no contexto de destruição ambiental promovida pelo capitalismo. Por isso, acreditamos na via revolucionária, pois não temos tempo para esperar pequenas reformas efetuadas pelas políticas de bem-estar social. Nossa tática é de urgência, radical e pelas bases junto com os movimentos sociais e a partir dessa conjuntura são necessários estudos que apontem e comuniquem as melhores estratégias para a luta revolucionária dentro da agroecologia. A partir de Okumura (2019) também identifiquei a necessidade de mais estudos que tragam a contribuição de Florestan Fernandes e da dimensão de seu pensamento revolucionário na educação, e que esses estudos contribuam para a educação do campo e a construção do conhecimento agroecológico.

Em relação às nossas ações junto aos movimentos sociais, assumimos o papel de guardiãs e guardiões de sementes, pois acreditamos que essa é uma forma de unir as pessoas e lutar concretamente para a conservação da biodiversidade e pela restauração de áreas degradadas. Com a volta das atividades presenciais após isolamento social, participamos de diversas de troca de sementes e fortalecimento da Agroecologia junto aos povos tradicionais. Entre eles, a 10ª Feira Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares e 2ª Feira Municipal do Mel que ocorreram no dia 7 de novembro na Praça Central de Canguçu. Esse encontro foi fundamental para entender a importância dos povos tradicionais na conservação das sementes e a partir desse entendimento busquei organizar um banco de sementes do coletivo para distribuir sementes em outros encontros junto aos movimentos sociais. A partir dessa vivência foi possível identificar a necessidade de mais estudos que analisem o papel das juventudes na sucessão familiar e sua dimensão na conservação da biodiversidade nessas feiras de sementes.

Para construir a Aliança Preta, Indígena e Popular proposta pela Teia dos Povos (FERREIRA *et al*, 2021) participamos da 1ª Jornada de Agroecologia da Teia dos Povos em Luta no RS sediada na Aldeia Tekoa Guaviraty Porã e que teve como anfitriões o grupo Guandu Agroecológico que está territorializado no Assentamento Carlos Marighella e a Vila Resistência que é uma ocupação urbana símbolo de resistência à especulação imobiliária de Santa Maria. A jornada foi realizada em Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul. Para participar desse encontro nos reunimos com estudantes e povos tradicionais do Território Zona Sul do RS, entre eles povos quilombolas, indígenas e camponeses. Esse evento foi fundamental para nos articularmos enquanto Elo da Teia dos Povos, dando suporte aos Núcleos da Base, conforme organicidade descrita por Mestre Joelson que pode ser consultada em Ferreira *et al* (2021).



Nesse primeiro contato de articulação com a Teia dos Povos participamos de oficinas de conservação das sementes crioulas, feitiço de Carijo que é o método tradicional de fazer a erva-mate pelos povos guaranis, e que foi guiado pela liderança guarani Karáí Papá, por Moisés da Luz, e pelo coletivo Araucária Resiste. Também participamos das rodas de debate sobre as lutas por terra e território e colocamos à disposição nosso banco de sementes para trocas e doações.

Essa primeira jornada foi fundamental para plantar a semente da Teia dos Povos no RS e da necessidade de mais encontros regionais para fortalecer os territórios na transição agroecológica e na luta pela terra. No Território Zona Sul construímos enquanto Elo o I Encontro da Teia dos Povos em Luta na Região Sul do RS junto a Comunidade Kilombola Coxilha Negra nos dias 19, 20 e 21 de agosto de 2022. E o 1º Encontro da Teia dos Povos em Luta do RS, realizado na Comunidade Kilombola Coxilha Negra, nos dias 5, 6 e 7 de maio de 2023 com o propósito de organizar internamente a articulação da Teia no RS.

As ações aqui relatadas junto aos movimentos sociais e as reflexões teóricas presentes, demonstram a importância do ciclo de ação-reflexão-ação para a práxis agroecológica. Essas sistematizações de teoria revolucionária e de metodologias participativas apresentam caminhos possíveis em um contexto de urgência climática ecocídio promovido pelo capitalismo. Assim como os indígenas zapatistas afirmamos que “Outro mundo é possível!”, e para construí-lo é necessário sistematizar, repensar constantemente nossas táticas.

Nesse sentido, ressalto a importância de mais sistematizações dos encontros da Teia dos Povos em Luta no Rio Grande do Sul, e também dos encontros da Teia dos Povos em outros estados, que relatem a importância desses encontros para construção do conhecimento agroecológico a partir de uma perspectiva revolucionária.

Conclusões

Apontamos a necessidade de mais estudos que contemplem melhor os debates aqui levantados. A partir das reflexões aqui propostas, defendemos uma formação pautada na preparação para a Extensão Rural Agroecológica proposta por Caporal e Costabeber (2000). Defendemos que agroecólogas(os) estejam preparados e sejam reconhecidas(os) profissionalmente, pela sua capacidade de tratar agroecossistemas em sua totalidade, valorizando as mulheres, juventudes, LGBTQIAP+, as comunidades tradicionais e a capacidade de fortalecer esses movimentos na transição agroecológica.

Dessa forma, são necessários mais estudos que tratem da formação e da curricularização dos cursos técnicos e superiores em Agroecologia, e que apontem disputas políticas e ideológicas que transpassam a formação acadêmica e a



extensão universitária. Assim como, estudos que retratem a disputas ideológicas também no movimento agroecológico.

Agradecimentos

Agradeço as mestras e mestres dos territórios pelos quais passamos, em especial à Carina Ferreira Santana pela construção compartilhada dos Encontros da Teia dos Povos e pelos grandes ensinamentos. Agradeço à Ana Teresa Santana pelas conversas que inspiram nossas juventudes na luta antirracista. A Ana Paula Grellert e Patrícia B. Lovatto por trazer as ferramentas necessárias para a práxis militante e agroecológica. A Teia dos Povos pelo acolhimento da Juventude Ecoar enquanto Elo e por toda luta e conhecimento compartilhado. E para a Juventude Ecoar por trazer o horizonte ecossocialista e libertário para nossa luta agroecológica, em especial para o Giovani B. Brazil e para o Pedro Gava que contribuíram na leitura atenta e debates sobre esse texto.

Referências bibliográficas

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER; J. A. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural**. In: Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável Porto Alegre: Secretaria Rural, 2000. P. 17 a 37.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil**. Arataca: Teia dos Povos, 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 17ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 127p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LÖWY, Michael. **O que é ecossocialismo?** São Paulo: Cortez, 2014.

JUVENTUDE ECOAR. **Carta-Programa**. 2020. Disponível em: <https://juventudeecoar.org/carta-programa/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MENEGHETTI, F.K. **O que é um ensaio teórico?** Curitiba: RAC, v.15, n.2. 320-332. 2011.

OKUMURA, Julio Hideyshi; TOTTI. Democracia, educação e revolução: o pensamento educacional de Florestan Fernandes nas décadas de 1980-90. *in*: FERNANDES, Florestan. **A formação política e o trabalho do professor**. Marília: Lutas anticapital, 2019. 89p.